

## RELATO DE TRABALHO

Título: **Sobre a “naturalização da domesticidade televisiva. Uma problematização e um protocolo para a observação empírica”**, de Fabrício Silveira.

Relatora: Gilka Girardello

O texto de Fabrício Silveira faz uma boa contribuição ao estudo da etnografia da recepção da televisão, tanto pela pertinente problematização da ênfase teórico-metodológica na *domesticidade televisiva*, cujos limites aponta, como pela proposta de um protocolo alternativo para a pesquisa de recepção que busca não ficar preso a esses limites.

Vou fazer uma leitura paralela ao texto – que é bem escrito e consistente do ponto de vista teórico - destacando suas idéias centrais e procurando “conversar” com algumas delas. Observo desde já que se trata de um trabalho inteligente e sugestivo, capaz de inspirar muitas conversas, residindo aí outro de seus méritos.

O ponto-de-partida escolhido por Fabrício é a ênfase dada ao espaço doméstico e à família pelas pesquisas etnográficas ligadas aos Estudos Culturais e aos Estudos de Recepção. Segundo ele, essa ênfase é quase exclusiva (“Muito frequentemente, quase na totalidade destes trabalhos, as descrições de campo tomam o lar como unidade geográfica e a família como unidade mínima de análise” (p.66)). Como esse é um pressuposto importante de seu argumento, acho que seria interessante que o autor deixasse um pouco mais clara a delimitação do corpus de pesquisas a que se refere. São citados como modelos dessa ênfase os trabalhos de Lull (1992), Silverstone (1996) e Leal (1986). Ainda assim, sinto falta de uma remissão mais consistente aos trabalhos que representariam a “totalidade” que está sendo analisada. Como o autor não se refere, é lógico, a **todos** os trabalhos já produzidos no mundo sobre recepção de mídia vinculados aos Estudos Culturais (quer em sua matriz anglo-saxã, quer na “versão latinoamericana”), suponho que esteja falando dos trabalhos de maior circulação, como aqueles citados. (Observo, por exemplo, que a maior parte das pesquisas de recepção com crianças no Brasil – campo que conheço melhor - é feita não no espaço doméstico, mas dentro das escolas, como todas as vantagens e limitações daí decorrentes.) E aí fico pensando com meus botões: será que a pesquisa especificamente brasileira nesse campo sofre do mesmo mal? Até que ponto os estudiosos brasileiros têm incorrido na “fúria descritiva” do processo doméstico de ver televisão a que se refere Fabrício? Será que não teríamos

ainda muito a fazer no Brasil no campo de uma verdadeira e esclarecedora etnografia das formas como se dá a recepção doméstica?

Quando falo em uma “verdadeira” etnografia, penso no que diz Seiter (1999)

Muito poucos estudos de audiência das mídias, mesmo entre aqueles que utilizam métodos etnográficos ou qualitativos, chegam a um padrão normativo propriamente etnográfico. Na maioria das vezes, o termo “etnográfico” tem sido usado sem rigor, para designar qualquer pesquisa que se valha de técnicas qualitativas. (...) Enquanto as etnografias baseiam-se em trabalho de campo profundo e de longa-duração, grande parte das pesquisas de audiência têm se baseado em breves períodos de contato com os informantes, às vezes menos de uma hora. (Seiter, op.cit.:10)

É por não ter certeza da resposta às questões que formulei acima que fiquei um pouco intrigada com a citação de Aníbal Ford, em que esse autor critica a “insaciabilidade” das técnicas qualitativas, com a ironia bem apontada por Fabrício. A reprodução dessa crítica ferina à etnografia da recepção doméstica não me pareceu contribuir para o argumento de Fabrício e talvez chegue a obscurecê-lo. O que o colega problematiza em seu artigo é o que considera uma ênfase excessiva e quase exclusiva dada pelos pesquisadores ao espaço doméstico, como locus privilegiado da recepção de TV. Essa idéia me parece extremamente valiosa, como vou explicitar mais adiante. Mas a citação de Ford faz a caricatura de um procedimento metodológico, não de um tema de pesquisa – a domesticidade televisiva - pelo menos até onde é possível depreender do fragmento citado. Ainda com base só nesse pequeno trecho, posso supor que ele também acharia risível a observação dedicada de um pesquisador atento à recepção de TV dentro de um bar ou uma sala de espera. Aliás, uma das coisas de que gostei no protocolo sugerido por Fabrício para observação de situações extra-domésticas de recepção é sua valorização do “detalhamento etnográfico” e da “observação sistemática”. De qualquer modo, uma discussão das limitações da etnografia, ou da validade e dos requisitos da “descrição densa” (Geertz, 1983) como forma de interpretação da recepção midiática, embora sem dúvida importante, foge ao foco do artigo de Fabrício e consequentemente deste relato.

O que o autor coloca com muita propriedade no centro de sua discussão é a necessidade de uma “desnaturalização” do vínculo entre televisão e recepção doméstica, e a atenção a formas complementares de audiência, dadas pela onipresença do aparelho tão sugestivamente ilustrada pelos trechos de Eugênio Bucci. O autor identifica a consideração da televidência em *zonas híbridas de significação* “a meio caminho entre o público e o privado” (p.70) já em autores como Martín-Barbero e Arlindo Machado, para os quais, em textos escritos há mais de 10 anos, existe algo de primordialmente doméstico na TV. Assim, Fabrício mostra que em sua crítica à naturalização da domesticidade televisiva está seguindo uma pista aberta tanto pelas exigências dos novos panoramas urbanos como pela necessidade de um aprofundamento reflexivo dos próprios marcos teóricos dos Estudos de Recepção.

Ler o texto de Fabrício Silveira me fez pensar em uns tantos outros conceitos e autores que se puseram a sussurrar nas entrelinhas, como que tentando contribuir para o prolongamento da conversa.

Um deles é o próprio Clifford Geertz, citado há pouco. Ele, a quem tanto devemos os que tentam, através de técnicas qualitativas, compreender os significados produzidos na recepção, dizia: “O *locus* do estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias.” (Geertz, op.cit., p.32) As mediações não são necessariamente nosso objeto de estudo, mas sim *lugares* de onde “partimos”, como diz Barbero, para depois procurarmos as relações “de imbricação e enfrentamento” entre as lógicas da produção e da recepção (Martín-Barbero, 1997:292) Assim, tanto o estudo da recepção dentro da família quanto nos locais onde a audiência é mais passageira e híbrida podem estar ajudando a compreender uma mesma coisa por ângulos diferentes e complementares.

Fabrício citou o conceito de um “*caráter tático*” presente no hábito de ver televisão, “que o articula e o apresenta de formas imprevisíveis e ingovernáveis, sempre eludindo (...) a determinação industrial-tecnológica de que há uma forma *correta* de fazê-lo.” O conceito de *caráter tático*, que o autor cita a partir de Ien Ang, possivelmente ecoa a elaboração de Michel de Certeau a respeito das *táticas* como práticas cotidianas de resistência dos consumidores, tema de seu livro *A Invenção do Cotidiano* (1990). Uma releitura de Certeau nesse contexto me parece muito proveitosa. Em seu estilo insubstituível ele fala de coisas muito afins às *situacionalidades limítrofes* de que nos fala Fabrício. Ele fala de uma “criatividade dispersa, tática e bricoladora”, chama o consumo cultural de “uma outra produção(...) astuciosa, dispersa, mas que ao mesmo tempo se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível”; chama de *táticas* as práticas cotidianas que representam vitórias do mais fraco contra a ordem econômica e cultural mais forte: “são astúcias de caçadores, mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfas”. E ainda:

Em nossas sociedades, essas *táticas* se multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais, como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser o deles e com as malhas demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe. Mas introduzem um movimento browniano nesse sistema. (op.cit., p.47)

Acredito que a fenomenologia da produção que se dá no consumo feita por Certeau pode voltar a ser inspiradora para a empreitada de compreendermos as novas configurações multiformes da recepção televisiva contemporânea.

O mesmo podemos dizer das tantas formulações teóricas recentes inspiradas na reflexão benjaminiana sobre a *flânerie*, o vagar produtor de sentidos característico da experiência da cidade

e que tem afinidades com o feliz conceito de *zapping urbano* proposto por Fabrício Silveira<sup>1</sup>. Rushkoff (1996), por exemplo, compara a habilidade das crianças e dos jovens de lidarem com a multiplicidade oferecida pelos meios à estratégia do skatista, “uma negociação com as formas ondulatórias da natureza (...) uma negociação com a paisagem da cidade” (op.cit., p.38). Para Mariet (1989), a relação das novas gerações com a TV é como “um flunar pelas grandes avenidas televisuais, onde há tanto que ver e rever...de um canal ao outro, de um país ao outro, de uma língua à outra” (op.cit.,p.11)

O protocolo de observação e registro dos “novos teatros de ação nos quais o televisor também atua” me parece muito útil e com certeza poderá servir de referência para muitas pesquisas sérias. Um outro dos momentos mais fortes do trabalho é a meu ver a formulação de perguntas na página 75 do arquivo geral, que, àquele ponto da discussão, já respondem a si próprias, e com bastante ênfase:

A enorme e surpreendente diversidade de quadros de utilização do aparelho televisor, percebidos no cruzamento fortuito pelos espaços urbanos, não estaria contribuindo hoje para um certo ‘refluxo de desestabilização’ da domesticidade televisiva? Até que ponto podemos considerar a televisão como mídia essencialmente doméstica? (...) E como essa afirmativa às vezes tão categórica – sobre a *natural* domesticidade do meio – se coloca nas discussões sobre as fronteiras (progressivamente mais problemáticas) entre o espaço público e o espaço privado?

Meus últimos comentários se relacionam à discussão final sobre os aspectos cognitivos da imagem de TV. Parece-me bem pertinente a analogia entre a imagem televisiva, que vai perdendo sua significação à medida que “se esparrama” pelo “mosaico de nossas práticas cotidianas” e o som ambiente, a popular música de elevador, ou *muzak*. Podemos mesmo incluir nessa ubiquidade da televisão o “ver TV sem ver TV” de que ninguém escapa na cultura midiática, já que as imagens e enredos da televisão são repetidos e incorporados por outras instâncias do sistema industrial e do discurso social. Eu problematizaria porém a idéia de que as imagens televisivas “estariam penetrando incontroladamente o indivíduo, independentemente de sua vontade, de sua espontânea, consciente e detida exposição à TV” (p.78) O tema é dos mais relevantes e particularmente me apaixona, mas, como não foi suficientemente discutido neste artigo, receio que sua posição ao final leve leitores apressados a considerarem que se trata da conclusão de uma discussão, quando me parece mais um “brotinho” que emerge dela. No mais, acredito que este trabalho dará muitos e bons “brotos”. Obrigada, Fabrício.

---

<sup>1</sup> Outra ponte entre a idéia do *zapping* tradicional e o flunar celebrado por Benjamin pode ser o seguinte comentário de Eugênio Bucci na entrevista dada por Martín-Barbero à TV Cultura-SP em 2002: [na audiência de TV de hoje] “as vitrines se movem, o flaneur ficou parado”.

Referências:

- De CERTEAU, Michel: *A Invenção do Cotidiano* (vol.1: Artes de Fazer). Petrópolis, 2002 (1990)
- GEERTZ, Clifford: *A Interpretação das Culturas*. RJ: Zahar, 1983. (1973)
- MARIET, François: *Laissez-les regarder la Télé: le nouvel esprit télévisuel*. Calman-Levy, 1989.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús: *Dos Meios às Mediações*. RJ: Editora da UFRJ, 1997 (1987).
- RUSHKOFF, Douglas: *Playing the Future*. Nova York: Harper Collins, 1996.
- SEITER, Ellen: *Television and New Media Audiences*. Oxford: Clarendon, 1999.
- WILLIAMS, Raymond: *Television: Technology and Cultural Form*. London: Routledge, 1990 (1975).